

Becos e Vieiras Z/S

A voz da periferia

BR101

preservação ambiental



Turistas desfrutam das belezas da praia ainda não



Uma das praias preservadas, em Ubatuba

“Becos e Vieiras” longe da capital e perto do céu. Confira nosso tour ao Parque Estadual da Serra do Mar.

Juliana Ferreira

O pessoal do “Becos e Vieiras” foi conhecer um local, em Ubatuba, bem diferente da capital de São Paulo. Ubatuba fica no litoral norte de São Paulo, a 224 km da capital, entre a Ilha de São Sebastião e a divisa com o Rio de Janeiro.

É um local ideal para passar uma temporada ou um final de semana, paraíso para ecoturistas, surfistas ou para um cidadão urbano cansado do caos das grandes metrópoles.

Para que a região fosse mais acessível, foi construída a estrada BR 101. O trecho dessa via que passa pela região é conhecido como Rio – Santos, inaugurado em meados da década de 70.

Apesar de facilitar a locomoção da população local e dos turistas, a construção da estrada acarretou vários problemas ao meio ambiente e aos moradores da região.

Como a estrada corta a Mata Atlântica, deixando-a exposta a riscos que podem prejudicá-la, foi criado o Parque Estadual da Serra do Mar. Seu objetivo é preservar a mata e evitar mais problemas. Esse parque abrange uma área de 310 mil hectares. Dessa área 85% corresponde a terras de preservação ambiental e 15%, a cidade. O ponto inicial do parque fica na cidade de Cananéia e o final em Ubatuba.

A estrada também facilitou a grilagem. Além disso, comunidades existentes no local antes da criação do parque vêm enfrentando problemas com a justiça, pois é proibido habitar a região (Ver nas próximas páginas).

Quais caminhos devemos percorrer para chegarmos ao progresso?

Becos e Vieiras Z/S é uma publicação da Oficina Experimental de Jornalismo módulo Jd. Angela criada pela ONG Associação de Incentivo às Comunicações Papel Jornal. O projeto envolve jornalistas, artistas gráficos e fotógrafos e acontece no bairro do Jardim Ângela, extrema zona sul da capital paulista. Os textos e fotos aqui publicados foram todos produzidos por jovens da periferia que participam do projeto.

APOIOS: Revista Simples?, Instituto Ayrton Senna, Embratel (Programa Cidadão 21), Máquina da Notícia e Telefônica, Folha de S. Paulo e Associação de Defesa Ambiental Ângela de Cara Limpa.

AGRADECIMOS TAMBÉM às jornalistas que viabilizaram a visita ao Parque da Serra do Mar núcleo Picinguaba
PARTICIPANTES: Érica Silva de Souza, Andréia Águida da Conceição, Camila Teles Santos, Fabiana Veríssimo de Alencar, Franciele Rodrigues, Juliana Silva Ferreira, Rogerio Oliveira, Jaqueline Alves Miranda, Lígia Cristina Tavares de Oliveira, Carlos Alberto da Silva Oliveira e Claudio Sacramaneto Figueire (Ganu).

Para entrar em contato becoszs@ig.com.br.

as comunidades...

cambury

Juliana Ferreira

A comunidade de Cambury, em Ubatuba, existe há mais de 200 anos, vive em contato direto com a natureza, utilizando a terra para plantar, pescar etc. É habitada por descendentes de quilombolas, escravos fugitivos que se reuniam nos chamados Quilombo.

Como a comunidade está localizada em dois parques de preservação ambiental, seus habitantes não podem mais morar lá desde os anos 70. Também não podem utilizar o local e o que há nele para qualquer fim. Por esse motivo, foi criada a Associação dos Moradores de Cambury, que entrou com um pedido na justiça para amenizar as leis do parque para que a comunidade possa continuar sobreviver na região.

Exite um riacho que corre no meio da comunidade e quando chove não é possível a passagem. Os moradores pediram, então a construção de uma ponte sobre o riacho, mas até o momento só existem as pilastras. Políticos prometeram concluir o trabalho, mas até o momento não cumpriram a promessa.

Seu Genésio, 75 anos é o mais antigo morador, um homem negro, alto que não aparenta a idade. É evangélico e gosta de falar muito, usando expressões bem particular como “vos nunce”, “plantaçon” e “entom”.

Constantemente seu Genésio compara a alimentação atual com a do passado. Garante que “não há nada melhor para criar galinha que banana. “Com banana, a galinha se desmancha de botar ovos. “Agora todo mundo dá ração pro bicho. Por isso, não vê um pinto piando”. E continua: “Tomava café passado com caldo-de-cana e água às cinco horas da manhã, ia trabalhar na roça e só almoçava ao meio-dia”. Como sua mãe morreu, com 103 anos, então ele acha que as pessoas morrem cedo hoje em dia por causa da alimentação.

Não tem vontade de que seus netos morem em São Paulo, pois julga a cidade perigosa. Quando visitou a capital, ficou morrendo de medo.

Na sua conversa seu Genésio deixa claro que o mundo mudou e que sente muita falta da vida simples e calma do passado.



Rogério Oliveira

Genésio (75), o mais antigo morador e líder da comunidade de Cambury

jambeiro

Juliana Santos

Na comunidade caiçara, no Cambury, em Ubatuba, há uma escolinha de voluntários, que existe há 5 anos (Escolinha do Jambreiro). Tem como objetivo resgatar a cultura, utilizando o espaço para ensinar arte e pintura para as crianças e alfabetizar os adultos.

Andréia, 29, professora, deixou a capital de São Paulo e abraçou este projeto.

almada

Na praia da Almada, em Ubatuba, existe um projeto de reaproveitamento do lixo que ensina as crianças a transformar o “lixo” em arte.

A AMMA (Associação dos Moradores Mirins da Almada), existe há 3 anos, tem como organizador Jaime, 38 anos, que é monitor do parque Picinguaba, também em Ubatuba.

O trabalho consiste em transformar pratos de frios em relógios, caixa de sabão em porta-retratos e imã de geladeira, etc. Fazem também trabalhos artesanais e pintura em camisetas. Todo o material que produzem é vendido e o dinheiro arrecadado com as vendas é que sustenta e dá continuidade ao projeto.

Catarina atravessa o rio em direção à escolinha do Jambreiro



Rogério Oliveira

tais grileiros



Rogério Oliveira

Com a construção da estrada BR 101, a região de Ubatuba, litoral norte de São Paulo, ficou mais acessível aos turistas. Os caiçaras que viviam das atividades de subsistência, como a pesca e a agricultura, logo se transformaram em motivo de atenção especial dos empresários, que visavam o lucro que poderiam obter com os imóveis à beira-mar dos nativos.

Como a vida dos caiçaras era voltada para as coisas simples da terra, a negociação foi facilitada pelo baixo poder aquisitivo da população local, que vendeu seus imóveis a preço de banana.

Vários caiçaras se tornaram caseiros de suas antigas casas, outros foram morar na encosta da serra.

Os caiçaras não tinham registros que comprovassem a posse legítima de suas propriedades, portanto os tais “investidores” tiveram que falsificar os documentos para que atuassem em uma suposta legalidade. Para que os escritos parecessem antigos, existentes antes mesmo da criação do Parque Estadual da Serra do Mar (em meados da década de 70), os empresários os guardavam em gavetas cheias de grilos por um bom tempo. A ação dos grilos deixava os documentos com a aparência envelhecida, pois os bichos comiam o papel e excretavam sobre ele. Daí vem o nome de grileiros.

Esse não é somente um

“pequeno” problema dos caiçaras e dos parques estaduais, essa atividade é “normal” em todo país, ocorrendo com grande frequência na região centro-oeste.

Percentual de imóveis suspeitos de grilagem no Brasil



Fonte: INCRA

A grilagem é decorrente da necessidade de lucro, que é um dos pontos fundamentais do capitalismo, em que impera a lei do mais forte, a lei do dinheiro. E isso ocorre em todo o mundo. Um bom exemplo é a política protecionista dos EUA, que propagandiam uma área de livre comércio

entre as Américas (ALCA), em que os produtos de todos os países do continente, exceto Cuba, serão isentos de taxas alfandegárias. Com isso, produtos dos países emergentes entrarão em uma concorrência direta e desleal com os produtos de países desenvolvidos.

Comparando a grilagem com a ALCA, será que acharemos muitas diferenças?

“ . . . E aqui começa outra história
Porque é o fim da estrada.
Não têm matas, não têm árvores
Não têm ervas, não tem nada.
Tem uma cerca, um portão
Um caiçara de farda
E uma placa:
ATENÇÃO
É PROIBIDO ENTRADA.”

Trecho do poema “Aves e Ervas” de Luis Perequê, músico de Paraty (RJ)

... depoimentos ...



Fotos: Marlene Bergamo

O pessoal do Becos e Vieiras fotografando a trilha da Brava

Juliana Ferreira

“Quando cheguei a Picinguaba, tive a impressão de estar bem próxima do céu, pois as estrelas, havia muitíssimas, brilhavam demais. É tão raro ver tantas estrelas em São Paulo. Só tive aquela sensação antes quando fui a um sítio em Embu-Guaçu. Quando dormi estava super relaxada, ouvindo o barulho do mar e dos bichos...”

Juliana Santos

“...Enfim terei que deixar esse paraíso, não dormirei mais com o barulho do mar e os pássaros a cantar, não acordarei com os galos a carcarejar, voltarei para tal “civilização”, onde há prédios, construções e poluição. Adeus paraíso em extinção: natureza.”

Fabiana Veríssimo

“...A casa ficava de frente para o mar, tudo o que eu queria era que amanhecesse logo. Assim que o dia clareou pude perceber como o lugar era bonito. O sol estava quase encoberto, mas mesmo assim foi uma manhã esplendorosa.

Francielle Rodrigues

“Eu ainda não voltei daquele lugar.

Como esquecer a pureza das belezas jamais vistas, entender que minha realidade é oposta, que foi passagem de férias e estudos.

Na verdade nada explica, mas se tenta.

Acordar mais cedo para ver o sol de ansiedade, o mar de curiosidades e mistérios, fazer valer a pena todos os dias resumidos em um.

O sol nasceu como um bebê, e olhei-o como uma criança que espera anos por aquele presente. Ele me disse:

- Bom dia.

Pela primeira vez.

O mar era muito misterioso, era infinito dentro do mundo. Ele te puxa, seduz e se torna uma coisa inesquecível.

Depois trazer consigo lembranças do que era pra ser, mas não é, ver que tudo agora são apenas lembranças, meras, e que tudo por um dia pareceu perfeito.

Que vontade daquele mundo.

Viver inconstantemente, ser da vida apenas mais um, banalidade e artificialidade.

Nunca vou voltar daquele lugar”



A galera do Becos e Vieiras se despede do parque

“A vida segue

O rio segue,
Calmamente.
De repente
Rio e mar
São um só
Duas vidas
Que se unem
Sem medo
Sem revolta...

Erica Sousa

“...Partimos pela trilha do mangue até chegar ao bote, onde percorremos os rios e desfrutamos de belas paisagem que nos permitiam observar vários caranguejos azuis e vermelhos, peixes, pássaros e garsas brancas e azuis. Vimos também três tipos de mangue: branco, preto e vermelho...”